

REPRESENTAÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE SANTO ÂNGELO – RS.

REPRESENTATIONS ABOUT THE HISTORICAL HERITAGE OF SANTO ÂNGELO – RS

Andressa Domanski¹

Resumo: O presente trabalho faz parte da pesquisa realizada durante o Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UPFEL) e tem como objetivo apresentar reflexões sobre as representações do sítio arqueológico da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, sob a ótica de alguns membros da comunidade local, partindo dos projetos arqueológicos desenvolvidos no Centro Histórico da cidade de Santo Ângelo entre 2006 e 2007, por ocasião da remodelação da praça e arredores. Essas representações foram constituídas por meio da História Oral com a realização de entrevistas com esses representantes da comunidade. A pesquisa encontra sustentação teórica em autores que tratam sobre Patrimônio Cultural, Representação e História Oral, tais como (PRATS, 1998), (POULOT, 2008), (POMMER, 2009), (CHARTIER, 1991) entre outros, que contribuem para embasamento e justificativa das entrevistas realizadas, assim como, possibilitam as considerações das mesmas.

Palavras-chave: Santo Ângelo; Patrimônio Cultural; Representação; História Oral; Arqueologia.

Abstract: This work is part of the research carried out during the Master in Social Memory and Cultural Heritage of the Federal University of Pelotas (UPFEL) and aims to present reflections on the representations of the archeological site of the Jesuit Reduction of Santo Ângelo Custódio, from the perspective of some members of the local community, starting from the archaeological projects developed in the Historic Center of Santo Ângelo city between 2006 and 2007, during the remodeling of the square and surroundings. These representations were constituted through Oral History with interviews with these representatives of the community. The research finds theoretical support in authors who deal with Cultural Heritage, Representation and Oral History, such as (PRATS, 1998), (POULOT, 2008), (POMMER, 2009), (CHARTIER, 1991) among others, which contribute to the foundation and justification of the interviews conducted, as well as, make possible their considerations.

Keywords: Santo Ângelo; Cultural heritage; Representation; Oral History; Archeology.

Introdução

A reflexão a seguir foi realizada durante o Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UPFEL) e teve como objetivo apresentar reflexões sobre as representações do sítio arqueológico da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio por alguns membros da comunidade local. O ponto de partida foram os projetos arqueológicos desenvolvidos no Centro Histórico entre 2006 e 2007 por ocasião da remodelação da praça e arredores.

¹ Licenciada em História pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Santo Ângelo/RS. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UPFEL), Pelotas/RS. Pós-Graduada em Orientação Educacional pela Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS), Cerro Largo/RS. Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo/RS. Docente na rede pública do Estado do Rio Grande do Sul (Seduc RS) E-mail: andressadomanski@yahoo.com.br

Em agosto de 2006, a municipalidade de Santo Ângelo – RS celebrou o tricentenário da fundação da redução de Santo Ângelo Custódio. Essa redução corresponde à segunda fase das fundações jesuíticas durante os séculos XVII e XVIII, período áureo dos chamados “Sete Povos das Missões”, instalados na banda Oriental do Rio Uruguai, integrante da Província Jesuítica do Paraguai, hoje atual território do município de Santo Ângelo, no Estado do Rio Grande do Sul.

No ano de 2006, a partir de iniciativa da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo, foi idealizado um projeto de pesquisas históricas e arqueológicas que comprovassem a existência dos vestígios da redução. Este projeto se deu em virtude da reforma e revitalização da Praça Pinheiro Machado, cujo fundamento principal foi a comemoração dos 300 anos da fundação da redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio.

O “Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações na Praça Pinheiro Machado, Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio”, foi realizado a partir de junho de 2006 e teve sua primeira fase concluída através de um convênio com o Núcleo de Arqueologia do CCM/URI – Centro de Cultura Missioneira, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões -, em maio de 2007.

Com a confirmada existência de alicerces e pisos antigos no subsolo, bem como diversas categorias de artefatos, os resultados foram expostos através da implantação de um museu a céu aberto, por meio de janelas arqueológicas e placas explicativas que evidenciam as ruínas da redução jesuítica. Os demais artefatos arqueológicos, como cerâmicas, líticos, vidros, metais, ossos e outros objetos, estão armazenados e disponíveis para pesquisas no Núcleo de Arqueologia do Centro de Cultura Missioneira da Universidade (NARQ-CCM/URI) e no Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado (NARQ/MMJOM).

Durante a realização do projeto, a comunidade que reside no Centro Histórico e os dirigentes municipais envolvidos participaram diretamente nesse processo: em visitas aos trabalhos, nas demonstrações de interesse pela história local através de questionamentos e, também, disponibilizando suas residências para as pesquisas arqueológicas.

A partir desse acontecimento, no qual tive oportunidade de participar enquanto acadêmica de História da URI, desenvolvi essa pesquisa para envolver a comunidade que mantém contato direto com o Centro Histórico de Santo Ângelo, focando principalmente nos dirigentes municipais envolvidos no projeto. Para conhecer suas representações sobre o Centro

Histórico, escavações e estruturas arqueológicas encontradas neste espaço, foram realizadas, por meio da História Oral, entrevistas ²com os esses representantes da comunidade.

Diante disso, a primeira parte do texto contextualiza teoricamente a pesquisa embasada em autores que tratam sobre Patrimônio Cultural, Representação e História Oral, assim como, estudos anteriores sobre a história local. Num segundo momento, apresenta-se as entrevistas realizadas com representantes da comunidade: o Dirigente Municipal, a Coordenadora do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado e uma Professora Pesquisadora atuante na Universidade local. Por fim, faz-se uma breve reflexão dos principais pontos emergidos nas entrevistas, destacando os pensamentos em comum e divergentes entre os três entrevistados.

Patrimônio, Representação e História Oral

Os estudos relacionados à História das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul, sobre o Patrimônio, as Representações e a História Oral apresentam-se como basilares na constituição de grupos sociais e na formação cultural. Relações de poder ocorrem em diversos âmbitos e em muitas situações são preponderantes nas seleções patrimoniais realizadas por grupos e nações. Uma gama diversa de autores contribuiu para os diálogos sobre esses temas e que servem como bases para o presente estudo.

Sobre o Patrimônio Histórico Cultural, é comum seu uso no desenvolvimento local através do turismo. Porém, a consciência sobre a importância patrimonial vai além das perspectivas turísticas. O patrimônio, como depositário da memória, é *“a construção dessa forma de obrigação em relação à presença material do passado”* (POULOT, 2008, p. 27).

Considerado de caráter polissêmico, Prats conceitua patrimônio como sendo *“aquele que socialmente se considera digno de conservação independentemente de seu interesse utilitário³”* (PRATS, 1998, p.63). Ainda é possível destacar a noção deste autor sobre a utilização social do patrimônio:

Na utilização social da noção de patrimônio cultural se produz uma confusão recorrente (o antigo e o moderno, o uso e o desuso, o matéria e o imaterial, o original e a cópia, a musealização da realidade e a desmusealização do patrimônio, a fragmentação disciplinária e a globalidade da experiência...) que entendo que se deve o fato de que baixo esta denominação englobamos três processos distintos, ainda que em alguns pontos complementares, que obedecem a interesses igualmente distintos, ainda que

² As entrevistas foram realizadas com o consentimento dos participantes, registrado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que concordaram com a divulgação de seus nomes e manifestações sobre o tema. Todos os documentos fazem parte de arquivo pessoal da pesquisadora.

³ Tradução da autora.

também em algumas ocasiões convergentes, de caráter, respectivamente, político, econômico e científico⁴. (PRATS, 1998, p. 64).

O surgimento de Estados nacionais foi responsável pela mudança do conceito de patrimônio cultural, pois a partir de então, nações se apropriam de seus bens culturais, materiais ou imateriais e constituem suas identidades regionais. Como menciona Funari, a construção de “*uma língua e uma cultura, uma origem e um território*” (FUNARI, 2009, p. 16), fizeram com que esse sentimento de pertencimento fosse instigado a indivíduos de diversas comunidades.

Com estudos da cultura material é possível compreender sobre modos de vida existentes em territórios delimitados, formados por povos e suas culturas. A partir disso, o entendimento sobre o cotidiano de sociedades passadas torna-se viável e, assim, o entendimento do patrimônio que foi passado de pai para filho em um contexto social.

Funari ainda destaca:

[...] Arqueologia Histórica brasileira não deixa de compartilhar das aporias e contradições inerentes a este campo de pesquisa. Na origem da Arqueologia Histórica no Brasil, está o patrimônio, bem material de alto valor monetário e *o ipso* símbolo da vitória da apropriação do trabalho alheio. Patrimônio é aquilo que poucos têm, é o cabedal a ser passado de pai para filho, de proprietário a proprietário, apanágio de poucos. Deste sentido jurídico de patrimônio deriva o uso cultural do termo. Trata-se, pois, de bens que demonstram a proprietários e não proprietários seu devido lugar na ordem social. (FUNARI, 2005, p.4).

No âmbito da representação, a construção de identidades individuais e coletivas se dá através de signos e sua significação, sua existência e perpetuação junto ao meio social do indivíduo. A representação é que torna a formação de identidade viável, pois é através do conjunto simbólico, juntamente com tradições e memória que se torna possível a criação de uma identidade.

As representações são elaboradas na atualidade a partir de experiências vivenciadas por determinados indivíduos e seus respectivos grupos. É dar sentido, veracidade a elementos históricos usados na construção da identidade, diferenciando os grupos em seu meio social.

Pommer relata sua concepção de representação:

Entendemos representação como sendo todo o sistema linguístico e cultural que permite a codificação do real na consciência, transformando o dado empírico em produção cultural. Cultura, por sua vez, é o sistema simbólico historicamente constituído de toda e qualquer atividade e pensamento humano. É, pois, a partir de uma realidade representada que uma comunidade é imaginada e seus agentes buscam estruturá-la, na medida em que cada geração, por fatores próprios de seu tempo, assimila e reproduz os

⁴ Tradução da autora.

modelos estabelecidos na práxis das gerações antecessoras até onde isso lhe interessa politicamente. (2009, p. 26).

Imagens, objetos e símbolos são representações de um corpo ou algo ausente que têm a função de suprir este espaço vago. Chartier exemplifica com estátuas de cera, esfinges para príncipes mortos, lenço mortuário para identificar o indivíduo morto. Representações simbólicas de valores morais como “*leão é o símbolo do valor, a bolha o da inconstância, o pelicano o do amor materno*” (CHARTIER, 1991, p.184) estabelecem uma relação entre o símbolo e seu significado.

Chartier trata sobre as noções de representação coletiva e as divide em três diferentes modalidades:

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de "representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p.183).

A construção de identidades é tratada como uma relação de força entre representações que são impositivas e que possuem poder para a classificação, aceitação e resistência. Elas são produzidas pelas comunidades, são recortes sociais que reconhecem sua existência a partir de suas demonstrações de unidade.

Já sobre a História Oral, sabemos que na atualidade é um recurso muito utilizado em casos de escassez de documentos para embasamentos em pesquisas, assim como é referência em estudos de experiências sociais. Através de entrevistas, é possível estudar noções de identidade, memória cultural e construção de narrativas (MEIHY, 2005).

Provando não ser temporária, a história oral fixou-se ocupando espaço em pesquisas que dizem respeito a culturas, atos sociais, estudos sobre memória e identidade. Não é apenas “*uma prática de estabelecimento e interpretação de documentos feitos por pessoas de outra época*” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 25), mas, sim, uma forma de publicar e reconhecer história, memórias que são restritas aos seus detentores ou apenas a pesquisadores. Ainda conforme Meihy e Holanda, as narrativas orais podem ser compostas por três necessidades diferentes para

sua realização: uma para celebrar e homenagear; a segunda para esclarecimento, explicar ou confessar; e a terceira de acusação e contestação. (2007, p. 26).

A produção de documentos através da história oral acerca de temas como mudanças culturais é bastante usual e necessário para a história que não possui muitos indícios e que está em processo de registro. Sua vitalidade para a produção de outras versões históricas também justifica o uso da história oral.

A narração da história de uma sociedade, seja ela feita por apenas um indivíduo ou mais, identifica e coloca em reflexão os grupos que ela compõe, buscando sanar a curiosidade de um passado remoto ou recente. Mas o prazer em realizar pesquisas orais com indivíduos que detém o conhecimento sobre determinado assunto, ou seja, diretamente na fonte, faz com que ao longo do trabalho apareçam dificuldades na parte de interpretação e análise desses relatos.

No caso da pesquisa arqueológica, a metodologia da História Oral torna-se bastante aplicável, pois as informações obtidas através dos informantes entrevistados nas pesquisas de campo, muitas vezes, lançam luz à localização de ocorrências ou sítios arqueológicos em áreas próximas ou distantes do local de foco da vistoria arqueológica, uma vez que

Entre oralistas e arqueólogos há em comum a premência do desaparecimento dos vestígios. Para ambos se impoem responsabilidades, não apenas com o presente, mas com o futuro. Um mesmo imperativo une as duas disciplinas, o da preservação. (GUARINELLO, 1998, p.64).

Pensando a História Oral como um meio para o conhecimento e agregando a isso a importância da preservação patrimonial, fez parte do programa de mestrado uma visita à capital da Argentina e à cidade de Tilcara, no sentido de enriquecer esta pesquisa e re(conhecer) outras realidades de preservação de patrimônio histórico e cultural. Essa ação foi possível graças ao convênio estabelecido entre a Universidade Federal de Pelotas – RS/Brasil e a “Universidad de Buenos Aires” – (UBA) Argentina, o “Programa de Cooperación Internacional Asociado para el Fortalecimiento del Posgrado – Brasil/Argentina (CAFP/BA)”, onde tive a feliz oportunidade de participar e conhecer alguns trabalhos realizados com as comunidades de Tilcara, um pequeno município que se localiza no noroeste argentino, na Província de Jujuy. Ali, as professoras Dra. Mónica Montenegro e Dra. Clara Rivolta do “Instituto Interdisciplinario Tilcara” (UBA), realizam pesquisas com moradores e crianças das escolas, buscando compreender a construção de representações e práticas discursivas das comunidades locais com relação à arqueologia presente no meio em que vivem (RIVOLTA, MONTENEGRO,

ARGAÑARAZ, 2011) e também, o desenvolvimento sustentável daquela região da Argentina através do turismo (MONTENEGRO, 2011; 2008).

As experiências educativas realizadas nas escolas de Tilcara, com o objetivo de preservação e desenvolvimento do patrimônio, bem como a geração de espaços que permitam a alunos e docentes fazerem reflexões sobre o patrimônio (MONTENEGRO, 2008), são temas que recebem atenção fundamental. Há, também, uma preocupação com as dinâmicas de envolvimento da memória social das comunidades nas festividades da Semana Santa na Quebrada de Humahuaca, onde se ritualizam tradições para reafirmar identidades, sendo essa uma maneira de se apropriar e ressignificar o patrimônio cultural (MONTENEGRO, 2010).

Todo o conhecimento adquirido na Argentina, somado aos estudos teóricos, foi de grande valia para o desenvolvimento deste estudo que se debruça na repercussão dos trabalhos de revitalização da memória da antiga redução jesuítica de Santo Ângelo Custódio, cujas ruínas deram origem à formação da cidade de Santo Ângelo, procurando observar como é o reconhecimento no esforço de valorização deste passado e as representações presentes na memória da população local.

Representações sobre o Patrimônio Arqueológico de Santo Ângelo

A partir do conhecimento desses processos de investigação, principalmente no que se refere às pesquisas realizadas entre 2006 e 2007 assim como, o embasamento teórico sobre Patrimônio Cultural, Representação, História Oral, apresento o resultado de pesquisa realizada com alguns membros da sociedade santo-angelense, que revela a sua visão com relação aos projetos arqueológicos desenvolvidos no Centro Histórico por ocasião da remodelação desse local.

Nesse sentido, o conteúdo deste capítulo está diretamente vinculado a entrevistas realizadas com o Prefeito Municipal de Santo Ângelo, Eduardo Debacco Loureiro, que ocupou esse cargo entre janeiro de 2005 a dezembro de 2012; a senhora Clotilde Maria Mousquer Farias, coordenadora do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado, e a professora Historiadora Claudete Boff, representante da URI. Os três representam os órgãos envolvidos na elaboração e efetivação deste projeto e estiveram presentes em todas suas fases, verificando o progresso das pesquisas e os impactos refletidos na comunidade santo-angelense.

As questões propostas versam sobre o projeto de revitalização e escavações arqueológicas na Praça Pinheiro Machado, a interpretação sobre sua importância, a receptividade da comunidade santo-angelense, bem como sobre o conhecimento de novos aspectos acerca da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio instalada no século XVIII.

Entrevista com o Dirigente Municipal

A entrevista com o Prefeito Municipal de Santo Ângelo, Eduardo Debacco Loureiro, foi realizada no dia 7 de julho de 2011, em seu gabinete, nas dependências da prefeitura municipal, localizada à Rua Antunes Ribas, que pertence ao Centro Histórico do Município. Nesta entrevista, já com o assunto previamente apresentado em contato prévio, conversamos especificamente sobre a importância da realização do Projeto de revitalização da Praça Pinheiro Machado, entre os anos de 2006 e 2007.

O primeiro questionamento na entrevista era conhecer a maneira como surgiu o Projeto e o que levou a realizar toda uma mobilização da comunidade santo-angelense, assim como buscar subsídios financeiros para abarcar os custos necessários tanto nas pesquisas arqueológicas, como na revitalização da praça.

Inicialmente, a ênfase dada à conversa foi sobre a existência de uma lei que considera a área onde se estende a Praça Pinheiro Machado, Catedral Angelopolitana e arredores, como Sítio Arqueológico da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio⁵ e, com isto, determinando também a necessidade de realizar pesquisas arqueológicas nesta área para realização de obras que revolvam o solo, valendo isto para espaços públicos e privados.

Durante a conversa, o prefeito destacou o local das pesquisas arqueológicas como “o coração” do sítio, aludindo à principal área da redução. A história local ganhou espaço neste momento, pois durante a conversa a expressão “*resgate da nossa história*” (LOUREIRO, 2011) apareceu como referência ao período reducional, e também, uma preocupação com esta, pois, até então, “*praticamente nada lembrava essa história*” (LOUREIRO, 2011). Ainda sobre o resgate histórico, havia um interesse em buscar conhecer e também mostrar vestígios sobre a redução, trazer à tona elementos comprobatórios para comunidade:

(...) esse foi o grande objetivo, o grande apelo, “bom vamos fazer esse resgate”, colocar aqui, trazer elementos que lembraram assim a redução de Santo Ângelo Custódio, então foi um trabalho temático, evidentemente que não foi um trabalho de simplesmente remodelação de uma praça, não só para cumprir uma determinação legal, mas também, justamente para fazer esse resgate da nossa história, e o projeto incluiu escavações arqueológicas justamente para que nós pudéssemos tentar descobrir aqui alguma coisa, algum vestígio daquela época (...) (LOUREIRO, 2011).

³ O Decreto Municipal nº 2.299, de 08/10/1993 regulamenta a lei nº 1.658/93 que dispõe sobre a proteção de sítio arqueológicos pré-históricos e históricos de Santo Ângelo e ainda determina como Sítio Arqueológico da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio a área territorial urbana localizada entre as seguintes vias públicas: ao SUL: Avenida Rio Grande do Sul; ao NORTE: Rua 7 de setembro; ao LESTE: Rua Marechal Floriano, e ao OESTE: Rua 15 de novembro. Existe, também, a Lei Federal nº 3924/1961 e a Portaria IPHAN/MinC nº 230/2002 que legislam a nível federal sobre a preservação ao patrimônio e pesquisas arqueológicas no território nacional.

Aspectos sobre a organização e desenvolvimento do projeto apareceram em um primeiro momento, com a menção sobre a parceria feita com a universidade local, a URI, que realizou a parte de pesquisa histórica e arqueológica, disponibilizando profissionais, alunos estagiários e, fundamentalmente, a contratação de um arqueólogo para a realização de todo esse trabalho.

O entendimento sobre a necessidade de realizar um trabalho permanente recebe destaque durante a conversa, visto isso, criou-se um núcleo⁶ responsável por realizar vistorias arqueológicas no município, bem como, orientar e desenvolver atividades que envolvessem esses sítios arqueológicos e a comunidade, como as oficinas chamadas *Jornadas Arqueológicas*⁷ destinadas aos públicos infantil e adolescente das escolas do município.

As jornadas arqueológicas tiveram ênfase neste momento da conversa, pois o Prefeito destacou a importância de dar continuidade a esse trabalho devido à necessidade de conhecimento sobre a redução. Falando sobre os efeitos do projeto, resultou não somente em um núcleo de arqueologia, mas também na aprovação de lei⁸ para constituir o cargo de arqueólogo no quadro funcional do município.

Ainda falando sobre a efetivação de um arqueólogo no município, neste momento a conversa já fluindo de forma muito tranquila e esclarecedora, surge a afirmação de que essa decisão foi benéfica e necessária, visto que há uma legislação municipal, porém, não era cumprida devido à ausência de arqueólogo no município, o que a partir de então, rigorosamente, se fez cumprir o que a lei determina sobre vistorias arqueológicas no Centro Histórico.

Outra questão levantada foi sobre a receptividade da comunidade local durante a realização das pesquisas arqueológicas, bem como, em relação às janelas arqueológicas atualmente expostas e, ainda, sobre a interpretação e preservação deste espaço. A resposta do Sr. Prefeito partiu primeiramente da repercussão que o projeto teve como uma forma de interação da comunidade local.

(...) todo destaque que essa obra alcançou a nível estadual e a nível nacional, isso uma coisa que até nos surpreendeu, a gente sabia da importância, mas o que me chamou particularmente a atenção, inclusive durante as obras, durante a implantação do projeto, foi o destaque que isso ganhou, quer dizer que isso chamou a atenção da mídia em nível nacional. Nós tivemos aqui o jornal da Globo, Pedro Bial, o Willian Bonner, vieram

⁶ O Núcleo de Arqueologia de Santo Ângelo está vinculado ao Museu Municipal Dr. José Olavo Machado.

⁷ “O Projeto Jornadas de Arqueologia Missioneira promovido a partir do ano letivo de 2009 pela equipe do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado / NArq - Núcleo de Arqueologia, em parceria com as Secretarias de Turismo, Educação e Cultura, busca ensinar sobre o passado da antiga redução de Santo Ângelo Custódio por meio de seus vestígios arqueológicos *in loco* na área do Centro Histórico de Santo Ângelo, mais especificamente, no entorno da Praça Pinheiro Machado e no Museu a Céu Aberto no entorno da Catedral Angelopolitana” (RECH, 2009, p.4)

⁸ A Lei Municipal nº 1.556 de 12/05/1993 cria o cargo de Arqueólogo, de provimento efetivo, compondo o quadro Técnico-Científico do município de Santo Ângelo, porém, entrando em vigor, somente a partir de concurso público realizado em 2010.

aqui na região fazer um projeto e fizeram matérias aqui do Centro Histórico, a imprensa, toda a imprensa estadual focou e divulgou na região aqui teve uma imensa repercussão, e até internacional. Então isso é uma coisa importante para que? Para criar uma consciência, chamar a atenção inclusive aqui do município, da importância disso, porque muitas vezes a gente tem esse patrimônio aqui e nem todo mundo tinha consciência do valor desse patrimônio, e quando a mídia ela se interessou e divulgou pro Brasil inteiro e o mundo inteiro, eu acho que isso contribuiu muito para que as pessoas realmente percebessem o valor e a importância desse resgate, desse patrimônio que nós temos aqui. Então eu acho que a receptividade ela foi muito boa, essa obra e esse projeto projetou Santo Ângelo muito, e isso acabou criando uma consciência na comunidade local da importância disso tudo, hoje esse espaço aqui passou a fazer parte do roteiro turístico, não só do ponto de vista do turismo, mas de estudo também (...) (LOUREIRO, 2011).

Visualizando este trecho, é possível perceber um grande interesse na repercussão que a mídia deu ao projeto, o que, talvez, tenha contribuído para que a comunidade do município reconhecesse a importância do local. Outro aspecto interessante a ressaltar é a preocupação com o turismo, apresentado como se antes não houvesse movimento turístico, como se apenas com a realização do projeto de 2006/2007 é que Santo Ângelo entrou na rota de turismo regional, antes somente predominada por São Miguel das Missões. Ainda destacou os inúmeros ônibus visualizados nas proximidades do Centro Histórico em períodos de alta temporada de visitas escolares, quando há um aumento de turistas e visitantes no local.

No que se refere à reforma da Catedral Angelopolitana, o questionamento foi sobre os subsídios financeiros para a obra, tanto para a parte externa quanto a interna, objetivando saber se o projeto também viabilizou os custos desta, que chegou a um milhão de reais. A resposta foi negativa, o projeto não alcançou esses custos para essa parte da revitalização devido a questões legais, financiamentos públicos que podem somente ser investidos em partes públicas como a praça e seu entorno. Todo dinheiro investido na Catedral Angelopolitana, nas pinturas, reformas, obras artísticas internas, foram subsidiadas pela comunidade santo-angelense através da realização de eventos visando essa arrecadação. O prefeito disse ainda:

(...) é importante destacar que o município tomou pra si a responsabilidade de montar esse projeto, começamos a divulgar ele, começamos a executar, isto acabou contagiando a comunidade, quer dizer, eu posso te assegurar que se não fosse a iniciativa do município de fazer esse projeto, de buscar recurso, de iniciar essa obra, dificilmente a comunidade iria se motivar a tal ponto de reunir recursos que chegaram a quase um milhão de reais, recursos da comunidade, contribuições, rifas, a receita federal ajudou muito doando aqueles produtos...

A motivação da comunidade na busca de fundos para a realização da revitalização da Catedral foi destacada como um resultado positivo da iniciativa da municipalidade a partir do

momento em que o projeto começou a ser divulgado. A mobilização das pessoas na busca de recursos financeiros através da realização de rifas, eventos, bazar com venda de artigos doados pela Receita Federal, quermesses onde a comunidade católica produzia variados tipos de alimentos para venda e tantas outras ações, foram motivadas, segundo o prefeito, pela iniciativa do projeto que envolvia vários espaços no Centro Histórico, porém, não contemplava a edificação da Catedral. Destaca, que a quermesse se tornou tradicional, um evento que se realiza com grande frequência e ainda é tratada como uma ideia incorporada pela comunidade, uma necessidade de aderir à causa e se fazer presente no projeto que chegou a alcançar cerca de um milhão de reais em dois anos, somente com as promoções para a revitalização da Catedral.

A questão relacionada às comemorações dos 300 anos da fundação da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio, realizada em 2007, busca entender por que somente a partir deste ano a municipalidade deu maior ênfase para a data e por que nos anos anteriores a data não era tão conhecida e destacada. A primeira referência feita é sobre a Semana Cultural, instituída há cerca de vinte anos e realizada pela Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Juventude, sempre no mês de agosto, referenciando o dia 12 em especial. Esta semana, foi instituída no governo do Senhor Adroaldo Loureiro, através de lei municipal⁹ que visa comemorar no mês de agosto a fundação da redução. Em sua fala, ele ressalta a importância da data e a atenção chamada para a Semana Cultural:

O que aconteceu, claro, a partir dos trezentos anos, com todo esse projeto desenvolvido, acho que nós conseguimos reforçar a importância desta data. A Semana Cultural ela já existia, ela mantém o mesmo formato da época da sua criação, mas com certeza, a partir de todas essas comemorações que nós fizemos nos trezentos anos, aproveitando essa data, eu acho que isso acabou chamando mais atenção para a Semana Cultural, para a data do dia 12 de agosto que é a da fundação da redução, mas a Semana Cultural já foi criada naquela época justamente com esse objetivo.

Nas finalizações da revitalização da Praça Pinheiro Machado, obras artísticas passaram a integrar o espaço, resultando em um espaço temático, lembrando momentos históricos das reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul, os povos indígenas que as integraram, suas culturas e também a religiosidade.

Sobre essa etapa do Projeto, o prefeito Eduardo relata que foram inúmeras as pesquisas, reuniões e viagens técnicas realizadas para formular as obras expostas no Centro Histórico. Com a coordenação de representantes da prefeitura municipal e projetista artístico, sob a

⁹ A Lei Municipal nº 1.699 de 12/08/1993 cria a Semana Cultural em Santo Ângelo, a ser realizada todos os anos no mês de agosto, contemplando o dia 12 de agosto, data de fundação da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio.

responsabilidade do Senhor Tadeu Martins, buscou-se nessas pesquisas aspectos sobre as reduções jesuíticas para serem aplicadas nos acabamentos finais do Centro Histórico, sempre lembrando que isso acontecia com a participação de vários setores da comunidade santo-angelense.

A entrevista esclareceu todas as questões levantadas sobre o Projeto de revitalização e pesquisa arqueológica realizada em 2006/2007.

Entrevista com a coordenadora do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado

O Museu Municipal Dr. José Olavo Machado está localizado na Rua Antunes Ribas, esquina com a Rua Antônio Manoel, de frente à Praça Pinheiro Machado, onde a senhora Clotilde Maria Mousquer Farias desenvolve suas atividades desde 1997, sendo nomeada diretora do local em 2001. Essa entrevista foi realizada no dia 20 de julho de 2011, nas dependências do museu.

Inicialmente tratamos sobre o envolvimento do Museu Municipal no Projeto de revitalização e acompanhamento das escavações arqueológicas em 2006/2007 e também, como Historiadora, sobre qual a sua concepção acerca da importância desse projeto. Os primeiros pontos destacados pela entrevista estão diretamente ligados à história local e à comprovação da existência da redução através de elementos materiais:

A revitalização da praça, num projeto estabelecido entre a Prefeitura Municipal de Santo Ângelo e a Universidade Regional Integrada, a URI, a partir de 2006 que se estendeu até 2007, veio trazer para o povo de Santo Ângelo, para o povo da região das missões, para os estudiosos de história, de missões e a todos os interessados aqui do local e mesmo de fora, que tem advindo aqui buscar esse assunto, vem trazendo os elementos comprobatórios do que sempre se contava na história com aqui houvesse existido (*sic*), agora nós sabemos que aqui existiu um povoado missionário, a redução de Santo Ângelo Custódio e essas escavações fizeram com que a gente encontrasse elementos que vem nos contar, a parte feita por esses indígenas feita com orientação dos padres jesuítas no que tange a elementos como telhas, ladrilhos, cerâmicas, que são o que a gente sabe que eram usados no período da redução (FARIAS, 2011).

Há, ainda, um destaque sobre o manuseio das técnicas que envolvem o uso de argila para confecção de elementos construtivos e utilitários confeccionados pelos indígenas. Ressalta ainda que é uma descoberta importante para estudiosos e interessados no assunto, no que diz respeito às missões jesuíticas no Rio Grande do Sul.

Com relação ao armazenamento do material arqueológico extraído neste projeto, a Senhora Clotilde esclarece que todo acervo está catalogado e armazenado nas dependências da URI, universidade local que dirigiu o projeto. Destacou ainda que a coordenação das pesquisas

arqueológicas ficou a cargo da arqueóloga Raquel Machado Rech, com a numerosa participação de alunos bolsistas e voluntários de vários cursos da universidade e, ainda, com a professora Historiadora representante da universidade, Claudete Boff.

As janelas arqueológicas receberam atenção nesta conversa em que ela destacou a importância destas para o conhecimento sobre a igreja da redução, que anteriormente era tratada em livros com registros hipotéticos, hoje recebem destaque devido à descoberta e exposição de elementos como pisos, alicerces, dimensões da igreja, entre outros.

Sobre o envolvimento direto do Museu Municipal durante a realização do projeto, a coordenadora do museu destacou que esse tem como foco principal a história regional e local. Visto isso, as informações extraídas das escavações e os materiais encontrados servem como subsídios às explicações dadas aos visitantes e pesquisadores. Disse ainda que no espaço escavado na Praça foram encontrados poucos elementos correspondentes ao período reducional, pois era um espaço de grande circulação, sem estruturas fixas. Porém, no entorno da praça, são encontrados ainda na atualidade.

A colaboração da comunidade aparece na entrevista quando mencionamos as dimensões da igreja da redução. Com o decorrer das escavações, a comunidade residente nas proximidades do sítio, sabendo sobre as descobertas diárias, realizou algumas iniciativas positivas que vieram a contribuir com as pesquisas. Exemplo disso são duas moradoras da Travessa Dr. Augusto Nascimento e Silva, localizada ao fundo da catedral, que cederam os pátios de suas casas para a realização de escavações. Esta iniciativa possibilitou uma das mais importantes descobertas sobre a redução, que foi o alicerce norte da igreja jesuítica. Neste trecho, a senhora Clotilde destaca:

Elas viram que o trabalho estava sendo focado em descobrir as fundações, os alicerces da igreja reducional e como atrás da catedral tem uma rua, a Travessa Augusto do Nascimento, e pelas dimensões que se tinha através de historiadores mais antigos, o final, a base da igreja deveria estar nos pátios das casas. Então elas disponibilizaram que fossem realizadas escavações e veio a comprovar, eu não sei como o arqueólogo chama, mas para mim é o vértice onde encontra a parede lateral com a parede do fundo da igreja, foi encontrado no pátio da casa delas, inclusive hoje naquele sistema que foi adotado de colocar placas indicativas nas janelas arqueológicas e no entorno da catedral, nos pontos que foram escavados e o que foi encontrado, no muro da casa tem uma placa indicando que ali é o final da igreja da redução de Santo Ângelo Custódio (FARIAS, 2011).

Essa feliz iniciativa das duas moradoras possibilitou a descoberta, no entanto esse alicerce não está visível à existência de calçada dos pátios internos, apenas é referenciado com placas indicativas relatando o que foi possível encontrar através da participação da comunidade.

Durante a conversa também apareceu um momento importante da história do município de Santo Ângelo: o repovoamento e a existência de uma igreja entre os períodos jesuítico e atual. Na descrição dessa igreja que existiu entre as décadas de 1880 e 1940, a senhora Clotilde destaca como *“uma igreja de dimensões bem pequenas que nos dá ideia de que ela foi construída usando o material que estava disponibilizado, que foi usado primeiramente na igreja da redução”* (FARIAS, 2011).

Para dar um maior enfoque à função e participação do Museu Municipal durante o projeto, questionei sobre o restauro realizado durante o mesmo período de 2006/2007. O primeiro ponto destacado foi a inserção do Museu junto ao Centro Histórico: interage totalmente devida a importância dessa edificação, visto que foi uma das primeiras casas construídas pós-redução, usando ainda elementos arquitetônicos, como a parede de uma casa indígena constituída de pedra itacuru, a mesma usada na fundição de ferro. Datada entre 1860 e 1870, pertenceu a Bernardo José Rodrigues e, por causa de seu tempo de existência, recebeu restaurações para sanar deficiências que a edificação possuía. Ainda sobre o restauro, a senhora Clotilde destaca:

Na sua cobertura ele estava deixando algumas infiltrações que prejudicam o acervo e que prejudicam a estrutura do prédio. Então foi consultado o IPHAE em Porto Alegre, foi feita uma pesquisa que nós aqui do museu acompanhamos quanto à cor de pintura que era utilizada na época, o material utilizado na parte construtiva do prédio pra que não fosse descaracterizado e que sim restaurado e permitido mais um tempo de vida útil pra esse material. O telhado foi todo lavado, foi passada uma demão de cal nas telhas e foi recolocado no lugar. A gente sabe que todo elemento tem sua vida útil, então o que foi tentado fazer com a orientação do IPHAE foi prorrogar essa vida útil desse material (FARIAS, 2011)..

Entendi que há uma preocupação com a manutenção das formas originais do prédio, tanto para manter os materiais originais, como para buscar um embasamento histórico que justificasse as pinturas e demais reformas, objetivando a manutenção da história da edificação através desta reforma.

A criação do NARQ– Núcleo de Arqueologia – do Município foi um importante resultado do projeto. Ao findar os trabalhos em 2007, a administração municipal considerou as necessidades da permanência de supervisões e pesquisas arqueológicas junto ao sítio arqueológico. A partir disso, foi criado o cargo de Arqueólogo no corpo de funcionários efetivos da Prefeitura, inicialmente mantendo a arqueóloga Raquel Machado Rech como contratada e, posteriormente, através de concurso público, efetivada. As instalações do NARQ, devido à disponibilidade de espaço, foram realizadas e subordinadas ao Museu Municipal Dr. José Olavo

Machado e está à disposição da comunidade santo-angelense para a vistoria e pesquisa arqueológica junto ao perímetro que corresponde ao sítio arqueológico da redução, fazendo-se cumprir a lei municipal, que determina esse trabalho em terrenos com novas edificações e revolvimento de solo.

Ainda dentro do Museu, há um espaço com materiais arqueológicos encontrados no município, correspondendo ao período jesuítico e também posterior. Clotilde destaca:

(...) tem um espaço, é um espaço pequeno porque o material é fragmento, não se tem encontrado nenhuma peça de maior dimensão, mas o museu tem em seu acervo, várias épocas da história local e destinado um local, um espaço com expositores onde concentra o material encontrado nas escavações arqueológicas (FARIAS, 2011)

Além das exposições arqueológicas permanentes existentes no Museu, há um espaço para a realização de exposições temporárias. Ali, em vários momentos, ocorreram mostras de materiais arqueológicos das escavações em Santo Ângelo, assim como históricas e artísticas, que envolvam o tema missões.

No momento em que perguntei sobre as doações de objetos arqueológicos feitos por moradores, surge no assunto a formação de um movimento organizado por dedicados e interessados na manutenção da história local chamado *Movimento Pró-Memória*. Esse movimento, objetiva organizar campanhas de doações de peças arqueológicas de grande importância para a história local e que estão sob a posse de moradores. Nesta campanha, foram doados fragmentos de pedras que possivelmente, segundo pesquisas, fizeram parte de uma pia batismal; capitéis; fragmentos de vasilhas cerâmicas; um sino em bronze, entre outros.

Uma constatação importante que a senhora Clotilde faz é sobre o movimento de visitas da comunidade local ao Museu Municipal, assim como o acompanhamento das pesquisas arqueológicas, que foi aumentando gradativamente ao longo do projeto. Referiu-se a eventos culturais realizados na praça após a revitalização, com participação da comunidade, pois “a população mesmo por si só, quando é convidada ou chamada para qualquer evento que acontece na Praça, na frente da Catedral, eles vêm com assiduidade e em grande número, porque acham que a praça ficou muito bonita e acolhedora” (FARIAS, 2011).

Quando finalizamos a conversa, a senhora Clotilde ressaltou mais uma vez a importância das pesquisas de 2006 e 2007 e os reflexos ainda hoje vistos, através da continuidade dos trabalhos pelo NARQ junto ao Museu Municipal, assim como com o movimento turístico diário.

Entrevista com a Professora Pesquisadora

A terceira personagem considerada de grande importância para essa pesquisa é a Professora Mestre Claudete Boff. A entrevista foi realizada no dia 20 de julho de 2011, em sua casa, em um momento tranquilo que propiciou a troca de informações.

A conversa iniciou com questões sobre a sua função na URI e sua participação nas pesquisas históricas, arqueológicas e organização do Projeto de 2006/2007. Para começar, destacou que naquele período era professora e coordenadora do Centro de Cultura Missioneira da URI e que quando souberam do intuito da municipalidade de realizar uma revitalização na Praça Pinheiro Machado, surgiu de imediato a necessidade de fazer escavações arqueológicas no local. Como o CCM tem por objetivos principais realizar estudos e preservação da história local e regional, a direção da universidade solicitou à professora que organizasse um projeto de pesquisas e buscasse um arqueólogo para ser o responsável por esse trabalho.

Como a formação da professora não é arqueologia, foi necessário buscar embasamento teórico para organizar o projeto, feito preliminarmente com as necessidades fundamentais que deveriam abarcar. Posteriormente, com a contratação do arqueólogo, foi possível esmiuçar mais as questões a serem abordadas, métodos e frentes de trabalho.

Inicialmente, a professora Claudete relatou que houve dificuldade para conseguir um arqueólogo, pois no mesmo período que desejavam iniciar os trabalhos em Santo Ângelo, havia vários projetos em andamento, o que dificultava encontrar arqueólogos disponíveis. Visto isso, se fez contato com o IPHAN para buscar indicações e este indicou entre outros, o nome da arqueóloga Raquel Machado Rech. Feito o contato, a arqueóloga aceitou o convite e se estabeleceram as primeiras tratativas com a universidade.

Para a realização do projeto, além de recursos financeiros subsidiados através de verbas federais, também era necessário estabelecer parcerias com cursos de graduação da universidade e com empresas locais, bem como organizar ações direcionadas aos trabalhos de campo e laboratório. A professora Claudete destacou que essa era sua principal função no projeto: em um primeiro momento ajudar nas pesquisas históricas sobre a redução jesuítica, e depois, convidar, organizar e estimular os estudantes dos cursos de História e Geografia para participar das atividades de campo e laboratório, bem como buscar patrocínios e auxílios em empresas locais.

Com relação à participação dos alunos, a professora Claudete destaca que prontamente muitos alunos tiveram interesse e se engajaram nas atividades. Visto isso, houve a necessidade de subsidiar bolsas de auxílio financeiro a esses estudantes. Foi então que a professora, como coordenadora do projeto, buscou patrocínios junto à UNIMED e, para complementar a verba,

a universidade disponibilizou um valor. Os alunos bolsistas cumpriam 20 horas semanais e os demais, voluntários, faziam horários aleatórios conforme a disponibilidade de cada um, onde se revezavam em atividades de escavações no sítio arqueológico, e limpeza e curadoria do material no laboratório instalado na universidade.

Quando surge a questão de que já haviam sido realizadas escavações arqueológicas no município e como foi a receptividade da comunidade local com este projeto que foi o maior idealizado até então, a professora Claudete enfatiza:

(...) as pesquisas arqueológicas, como tu disseste, já vem há mais tempo sendo feita, esporadicamente. Foi a partir desse projeto que durou um ano que a arqueóloga, no caso a Raquel, conseguiu realizar um trabalho muito bom porque colocou à mostra aquilo que a gente sabia que existia, mas não via. Então esse trabalho foi importantíssimo e também teve uma repercussão muito grande, as pessoas da comunidade se envolveram muito e eu lembro que quando eu estava lá, e tu também que ajudaste, me lembro o quanto as pessoas iam lá conversar, contar histórias, e diziam dos materiais, algumas peças que tinham em casa, então realmente foi assim uma época que nós sentimos que parece que aumentou a autoestima do santo-angelense porque eles estavam se sentindo muito importantes com relação a sua história. (BOFF, 2011)

A participação da comunidade local feita através de visitas e conversas mostrou que boa parte não conhecia muitos aspectos das origens do município e que, por meio dos achados nessas escavações, passaram a compreender e acompanhar com mais proximidade as pesquisas no município. Isso ocorreu porque essa comunidade começou a entender que tem sua participação nessa história, assim como responsabilidades para com ela.

Tendo em vista a efervescência dos trabalhos, ao finalizar o projeto em 2007, o COMPAHC – Conselho Municipal do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural¹⁰ –, que já vinha trabalhando questões sobre a preservação do patrimônio arquitetônico do município, reforçou significativamente essa preocupação com novas construções nas limitações do sítio arqueológico de Santo Ângelo. Conforme o relato da professora Claudete, foi por meio de ações do COMPAHC que houve a continuidade de pesquisas arqueológicas no município, pois o conselho permaneceu em vigilância junto à Secretaria de Obras do município, o que tornou as escavações frequentes no sítio. A aceitação da comunidade, que antes pensava que suas obras poderiam atrasar ou serem interrompidas devido a escavações, se modificou, hoje facilitando esse contato entre proprietário, construtor e arqueólogo.

¹⁰A Lei Municipal nº 3.365, de 31/12/2009 extingue o Conselho Municipal do Patrimônio Arqueológico Municipal de Santo Ângelo (CPAM) e o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Santo Ângelo e cria o Conselho Municipal do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural de Santo Ângelo (COMPAHC).

Quando questionei sobre a participação do Colégio Estadual Onofre Pires, localizado em frente à Praça Pinheiro Machado, com relação as descobertas ocorridas neste espaço, assim como a participação da comunidade escolar, a professora Claudete enfatizou:

(...) fundações que provavelmente são do cabildo, conforme mapas antigos, e também, já ali no Colégio Onofre já se sabia que tinha vestígios porque foi feito um trabalho junto com o laboratório de geofísica da UFRGS, então esse trabalho com georadar já mostrou aonde que tinham fundações, então antes de se escavar, (...) Então foi aí, digamos que foi as últimas partes escavadas ali no entorno. Para essas escavações participaram também os alunos como tu falaste e foram feitas oficinas de educação patrimonial, a escola se envolveu muito ali, a diretora também estava muito entusiasmada e ela entusiasmava os professores, os alunos. Então foi um trabalho muito bom, de bastante envolvimento com toda comunidade escolar (BOFF, 2011).

A participação do laboratório de geofísica da UFRGS e dos alunos do Colégio Onofre Pires, foram algumas das parcerias estabelecidas durante o projeto. Essas escavações, realizadas no pátio do colégio, estimularam professores e alunos na descoberta e conhecimento sobre o sítio arqueológico do município, tanto que após essa experiência, oficinas de Educação Patrimonial tiveram maior impulso e receptividade entre os estudantes.

Outros pontos positivos foram destacados como resultantes desse projeto, como a motivação de alunos da graduação em História na realização de monografias, seguirem carreira na arqueologia e também em pesquisas, com ingressos em Mestrados em várias universidades.

Durante a conversa, também surgiu uma crítica com relação a atitudes da universidade. Com o término do projeto em 2007, a municipalidade se engajou para com as responsabilidades de manutenção de vistorias arqueológicas, porém, a universidade se retraiu nesse aspecto, não aproveitando, da forma como deveria, todos os resultados e precedentes futuros que o projeto viabilizou.

Sobre o NARQ da URI, a entrevistada destacou que todo material recolhido em campo foi catalogado e armazenado junto ao núcleo de pesquisas. No total, foram 2.634 peças que receberam tratamento adequado com o trabalho da arqueóloga, alunos bolsistas e voluntários, resultando em fotografias, informações detalhadas e textos disponíveis para a utilização em pesquisas futuras. Enfatiza ainda que todo esse trabalho só foi possível devido à grande ajuda dos alunos.

Quando o questionamento é sobre os usos da praça atualmente, sobre o movimento de pessoas diariamente, enfim, a apropriação que a comunidade faz desse espaço, a professora Claudete destaca:

(...) a gente percebe uma apropriação muito grande da comunidade. Se tu visitas a praça sábado de tardezinha, ao domingo, tu podes ver como as pessoas vão, os pais levam as crianças, levam bicicletas, então a praça em dia ensolarado, dia que não está chovendo, sempre tem gente circulando. Então a praça a partir dali se tornou realmente o Centro Histórico, isso foi realmente assumido pela comunidade. A gente sente porque, como um calçadão, a calçada grande que tem, tanto o IESA quanto a URI se apropria da praça pra formaturas, tem eventos musicais, teatro, os principais eventos do município, então isso acaba se tornando uma referência de encontro, de amizade, de lazer, de alegria, porque a gente sempre vai ali para comemorar alguma coisa, então eu acho que realmente as pessoas se apropriaram e assim, com gosto, tu sente assim que as pessoas gostam de ir praça (BOFF, 2011).

Antes da revitalização, a praça teve momentos de altos e baixos com relação ao uso da comunidade devido às más condições de manutenção, com calçadas repletas de defeitos, banheiros danificados e abandonados, parque infantil destruído pelas ações do tempo e também com vegetação relativamente fechada, o que permitia a delinquência. Hoje, essa mesma praça tem uma circulação expressiva de pessoas em todos os dias da semana e, principalmente, nos finais de semana, pois se torna uma opção de lazer do santo-angelense.

Ainda sobre as pesquisas que resultaram deste grande projeto, a professora Claudete relata o caso de estudantes do curso de Turismo da URI, que fizeram uma enquete com o setor comercial que está instalado nas proximidades da praça. Os questionamentos feitos foram com relação ao ponto. Todos afirmaram gostar muito da área e almejam melhorar seus negócios, investindo em melhorias estéticas, como nas fachadas e arquitetura, demonstrando dessa forma a aceitação e gosto pelo lugar.

Um dos aspectos negativos e destacado como uma urgência de mudança de mentalidade é sobre o cuidado com o lugar, limpeza e proteção deste patrimônio por parte da comunidade. Neste momento ela demonstra sua indignação e destaca como uma reação ambígua, pois, ao mesmo tempo em que a comunidade gosta do lugar, está usufruindo dele sempre que possível, não há cuidados com a limpeza e danos ao patrimônio público são realizados por parte de alguns indivíduos. Estragos em placas, vidros das janelas arqueológicas, pichações na fonte e tantas outras ações de “vandalismo” estão presentes em sua fala de indignação. Ela acredita que isso é uma deficiência que começa na educação que vem de casa e que a escola vem complementar. Pensa, ainda, que a municipalidade poderia realizar campanhas de conscientização para melhor manutenção da limpeza e ações contra os estragos.

Nas palavras finais desta conversa, a entrevistada destaca mais uma vez as parcerias estabelecidas durante o projeto, pois estas viabilizaram bolsas e atividades extras durante as pesquisas e que foram de fundamental importância para o êxito obtido. Exaltou, mais uma vez, a participação dos alunos que estiveram presentes ajudando em todas as etapas e concluiu que

a comunidade recebeu a revitalização e as descobertas arqueológicas como positivas, porém, que ainda há obstáculos quando se fala em patrimônio, como a resistência devido ao receio que essas pessoas têm com relação ao seu poder econômico individual, receios de que este seja afetado e tantas outras questões, que devem ser trabalhadas para que em próximas edições de pesquisas deste gênero, haja uma participação e conscientização maior.

Reflexões sobre as representações dos entrevistados

As três entrevistas selecionadas para a realização desse trabalho foram definidas através do conhecimento de como se desenvolveu o projeto e como se deu a participação das pessoas envolvidas. Assim, optei por aqueles que estavam à frente do processo, devido aos cargos ocupados dentro das instituições públicas e privadas do município.

A partir das análises das entrevistas realizadas é possível perceber as questões às quais os entrevistados atribuem importância. O primeiro ponto que destaco é o fator histórico da pesquisa arqueológica realizada. Todos destacaram a importância da realização das escavações devido à necessidade de trazer à tona elementos materiais sobre a redução de Santo Ângelo Custódio, justamente para viabilizar pesquisas e também mostrar à comunidade local sua existência. Conhecer novos aspectos da história da redução, bem como, alavancar uma série de produções acadêmicas e o interesse em dar continuidade ao trabalho, também são pontos destacados pelos entrevistados.

A respeito da participação e acompanhamento da comunidade junto ao projeto, relataram que esta esteve permanentemente visualizando, questionando e, em alguns casos, auxiliando no trabalho. A parceria entre poder público, através da Prefeitura Municipal e a instituição privada, como a URI e as demais instituições, que financiaram bolsas para os alunos, foi uma questão também enfatizada. Para os entrevistados, sem essa parceria, o projeto não alcançaria êxito. A divulgação dos trabalhos e descobertas, o cumprimento de leis e a continuidade das pesquisas arqueológicas junto ao município também foram abordadas.

Representando o âmbito público, o prefeito destacou em vários momentos a divulgação e abrangência que o projeto tomou, sendo conhecido nacional e internacionalmente, o que fez com que o município ficasse em evidência na mídia, despertando a curiosidade de pesquisadores e turistas para conhecer a cidade e, desta maneira, aquecer suas finanças. Por outro lado, a criação do cargo de arqueólogo inserido no quadro funcional da Prefeitura demonstra uma preocupação com relação à continuidade das pesquisas e para cumprir a lei criada em 1993, coincidentemente, no mandato do então prefeito Adroaldo Loureiro, pai de Eduardo.

Ainda no poder público, em uma entidade cultural como o Museu, a senhora Clotilde destaca os frutos da pesquisa para questões que envolvam o turismo local e aprofundamento de pesquisas históricas. Maior interação e exploração dos fatores históricos e arqueológicos são destacadas com grande importância no que diz respeito ao atendimento ao público em geral.

Representando uma instituição privada que desempenhou um papel de suma importância no processo, a professora Claudete visualiza como fundamental para a pesquisa o conhecimento sobre a história local e também para interação da comunidade local. Porém, uma crítica importante a ser destacada é a respeito da atitude da Universidade em se afastar, isto é, desviar o interesse após a conclusão do projeto. Para a professora Claudete, é uma lástima, pois a URI poderia estar usufruindo dos resultados do projeto e dando suporte para sua continuidade, mantendo, assim, a universidade envolvida na comunidade.

As colocações feitas por cada um dos entrevistados se dão conforme suas posições na sociedade. A representante da universidade e a coordenadora do museu, ambas pesquisadoras, demonstram interesse no projeto vislumbrando as descobertas como aspectos importantes para futuros estudos e pesquisas sobre as missões, assunto do qual são conhecedoras e também por serem pessoas preocupadas com o patrimônio histórico local. Obviamente, também mencionam o fator turismo, porém, como frutos do projeto. Já o Prefeito, em uma condição de administrador, demonstra claramente os benefícios que a divulgação do município contribui para uma evolução do turismo local como forma de desenvolvimento.

As noções sobre o patrimônio de Santo Ângelo são definidas a partir do momento em que se convoca a comunidade a acompanhar as pesquisas arqueológicas realizadas no Centro Histórico com a participação de instituições. A divulgação feita junto à mídia fez com que a comunidade buscasse conhecer e também formar sua opinião com relação a esse patrimônio.

Neste contexto, penso que o patrimônio cultural está submetido a interesses variados, tanto para fins culturais, quanto econômicos e políticos. Esse patrimônio é legitimado através dessas instituições que investiram nesse projeto de prospecção e pesquisa arqueológica e, no caso de Santo Ângelo, torna-se importante quando proporciona um retorno econômico relevante para a sociedade onde ele está inserido. Isto é, economicamente através do turismo e, em um segundo momento, através do aprofundamento de pesquisas sobre assuntos relacionados.

Por fim, acredito que cada um dos entrevistados está devidamente comprometido em suas opiniões de acordo com os cargos que ocupam na sociedade. Alguns mais preocupados realmente com a descoberta de novos indicativos históricos para o município, assim como a manutenção deste patrimônio, e outros com o foco direcionado ao fator turístico e

consequentemente financeiro, que poderia ser alavancado mediante um trabalho com a proporção do que foi realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar o presente trabalho, foi possível entender que as questões colocadas para os entrevistados foram semelhantes, com poucas variações devido às instituições que cada um representa. O consenso foi a curiosidade em descobrir mais sobre os vestígios arqueológicos existentes no município bem como a conscientização da necessidade de manutenção desse patrimônio.

Foi possível observar que o patrimônio cultural está submetido a interesses variados, tantos para fins culturais, econômicos e também políticos. Esse patrimônio é legitimado através dessas instituições que naquele momento investiram nesse projeto de prospecção e pesquisa arqueológica e este se torna importante, na fala dos entrevistados, quando proporciona um retorno econômico relevante para a sociedade através do turismo.

No entanto, há conclusões relacionadas à manutenção deste patrimônio e que merecem uma atenção diferenciada. Conforme o que foi exposto nas entrevistas, percebemos que há uma preocupação com relação às maneiras que se mantém esse patrimônio, desde questões simples como a limpeza, o cuidado com o lixo, bem como, as mais graves, como a depredação. Entender que é necessário não somente mostrar à comunidade a história e as descobertas arqueológicas do município, mas também, planejar ações que conscientizem as pessoas da importância da manutenção destes locais, como campanhas que abordem esses assuntos, para atingir toda a comunidade.

Por fim, entendemos com essa reflexão, que as ações realizadas em prol do conhecimento, aprofundamento da história local, são sempre bem-vindas, aceitas pela comunidade assim como são esclarecedora e instigam a busca por conhecer mais sobre a história local a partir das novas experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados** 11(5) 1991.

DICIONÁRIO LAROUSSE. **Espanhol – Português**. São Paulo: Larousse, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo. FUNARI, P. P. A. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, 14 jul. 2005.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve Arqueologia da História Oral. In: **História Oral 1**, 1998. p. 61-65

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Mónica. APARICIO, María Elisa. **Reflexiones acerca del Patrimonio em áreas de frontera**: el caso de la Provincia de Jujuy, Argentina. Buenos Aires, [20-?].

MONTENEGRO, Mónica. **Los niños y el patrimonio** ¿Unadeuda de la educación? Buenos Aires: 2008.

____. **Los vivos y los muertos en las representaciones sociales sobre el Patrimonio Arqueológico**: el caso de una comunidad educativa de la Puna de Jujuy. Buenos Aires.

____.Semana Santa: representaciones de los niños de la Quebrada de Humahuaca, Jujuy (Argentina). Aproximaciones desde la escuela. In: ALONSO PONGA, José Luis (Coord.).**La Semana Santa**: Antropología y Religión en Latinoamérica II. Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid, 2010. p. 109-116.

NAGEL, Liane Maria. **A História de San Angel Custódio**: Redução de fronteira – no contexto dos trinta povos Guarani-Jesuíticos da região Platina.1994.30f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo – História da Produção de uma Identidade Regional**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

POULOT, Dominique. Um Ecossistema do Patrimônio. In: CARVALHO, C. S. de;

GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). **Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, pp. 26-43

PRATS, Llorenç. El Concepto de Patrimonio Cultural. **Política y Sociedad**,(27): 63-76, 1998.

RIVOLTA, M.C.; MONTENEGRO, M.; ARGAÑARAZ, M.C. Multivocalidad en los procesos de apropiación y significación del Pucara de Tilcara (Jujuy, Argentina). In: FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi; ROTMAN, M.; FERREIRA, Lúcio Menezes. **Patrimônio cultural no Brasil e na Argentina**:Estudos de caso. São Paulo: Annablume, 2011.

FONTES

BOFF, Claudete. **Entrevista sobre as pesquisas arqueológicas e revitalização da Praça Pinheiro Machado** [História oral]. Entrevistadora: Andressa Domanski. Santo Ângelo, 2011. (Áudio: 37min 30s)

FARIAS, Clotilde Maria Mousquer. **Entrevista sobre as pesquisas arqueológicas e revitalização da Praça Pinheiro Machado** [História oral]. Entrevistadora: Andressa Domanski. Santo Ângelo, 2011. (Áudio: 24min 9s)

LOUREIRO, Eduardo Debacco. **Entrevista sobre as pesquisas arqueológicas e revitalização da Praça Pinheiro Machado** [História oral]. Entrevistadora: Andressa Domanski. Santo Ângelo, 2011. (Áudio: 18min 32s)

RECH, Raquel Machado. **Relatório do Programa de Acompanhamento e Monitoramento Arqueológico das Obras de Modificações na Praça Pinheiro Machado**: Sítio Arqueológico da Antiga Redução de Santo Ângelo Custódio (Convênio PMSA-URI). Santo Ângelo, 2007.